

O ACADEMICO

SEMANARIO ILLUSTRADO

ASSIGNATURAS

1 mez..... 100 réis
3 mezes..... 300
Numero avulso 30 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

11 — LARGO DO CAMÕES — 4.º
LISBOA

IMPRENSA LUCAS

93 — Rua do Diário de Notícias — 93

Editor — Candido Chaves

Chantage?!..

Já por muitas vezes temos aqui dito que a Academia é a unica culpada das desconsiderações que tem recebido, da pouca attenção que os poderes publicos lhe dispensam e da nenhuma união que existe entre os estudantes das diferentes Escolas que a constituem.

E isto pelos constantes desvarios que praticam e pelo caracter de brincadeira que costumam dar a qualquer acto em que sejam chamados a interceder. Todavia, nunca assistimos a um espectáculo tão triste como o que se passou na ultima reunião que houve na Escola Polytechnica para se nomearem dois delegados que fossem aggregar-se á commissão organisadora da associação Academica.

Discutia-se uma questão previa levantada sobre se a Escola queria nomear mais delegados ou se entendia que o alumno da Polytechnica já membro d'aquella commissão era sufficiente para a representar. Era uma questão, que podia ser boa ou má não discutimos agora esse ponto, mas que devia ter sido submettida á votação.

Mas qual não foi o nosso espanto quando no meio d'uma berraria infernal que nos não deixava ouvir — se lá houvesse ideias — qualquer argumento que explicasse aquelle protesto contra uma coisa tão innocente, um estudante tornando-se mephistophelico grita, com tal força que nos fez envejar os seus pulmões, que n'aquella Escola havia *chantage*!

Chantage!!? Quem faz *chantage* na Escola Polytechnica? E muito embora pensássemos e perguntassemos á propria consciencia onde e quando ali se fez *chantage* nada conseguíamos obter em resposta.

No meio, porem, das nossas cogitações o barulho e a desordem continuavam.

E então ao nosso espirito apenas se apresentava como explicação de *chantage* aquella grande barafunda.

Tendo-nos retirado para uma aula incommodados com o barulho a que assistíamos, começamos a recordar factos passados n'aquella escola e realmente vimos que nos havíamos enganado quando supuzéramos que ali não houvesse *chantage*. E, então rememorando, por exemplo, o que se disse na festa da Tuna Academica da Escola Polytechnica, realisa da mesma Escola e os factos passados posteriormente; os offerecimentos de coadjuvação feitos a um dos presidentes d'aquella Tuna e a forma como elles foram postos em pratica, chegamo-nos a convencer de que realmente tem havido *chantage*.

E, afinal comparando todos estes factos com as posteriores chegamos á conclusão de que talvez não houvesse *chantage* nem n'um nem n'outro caso e que aquella palavra devia ter sido empregada por desconhecimento da sua verdadeira significação.

Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho

Não ha genero de litteratura mais difficil nem mais escabroso do que este. Essa difficuldade cresce, augmenta e avoluma-se na razão directa da cathedra social e scientifica do biographado e na inversa do tempo de que dispomos.

Ora Alfredo Schiappa é um sabio, na acceção grande e alevantada, sabio consagrado, não pela banalidade de alguns elogios de gazetas baratas, ou pelo cavaco alegre de meia dúzia de sabios indigenas.

Possuimos uma deliciosa serie de monographias impressas em francez, apresentados por Schiappa em varios congressos, e diferentes academias, e temos-lhe annotado o parecer dado em cada uma d'essas selectas reuniões de homens illustres e de valor indiscutivel.

Mas, fatalmente havemos de escrever esta noite porque amanhã, até á hora indicada, prende nos o serviço official, e portanto, ou havíamos de dar feriado aos rapazes, com o que elles folgariam muito, ou havíamos de declinar á honra de escrever estas linhas, com o que lucraria a nossa victima que, por força, ganhava com a substituição. De-

modesto, um concentrado, quasimysantropo.

Dos finos quilates da sua alma affectiva fallam bem alto as dezenas de gerações de estudantes que tem sido seus discipulos e em cada um dos quaes Schiappa tem um amigo e um admirador entusiasta e sincero. Homem bom, consagrado ao amor da familia, principalmente dos filhos que estremece, leva para a aula uma parte d'esses caracteristicos, tornando o seu ensino attrahente e agradável.

Na aula de Schiappa está-se como no seio de familia, em terra amiga. E todavia Alfredo Schiappa é na Escola Polytechnica, de que é lente substituto, dos que honram a cadeira em que se sentam, sem esperar jamais auferir da cathedra honrarias ou europeis. E se um dia ascender á propriedade da cadeira de que é substituto ha muitos annos, começarão a reconhecer-se então as bellezas indiscutíveis, os encantos e seducções da geometria descriptiva, de que ha muito ninguem conhece senão a samsaboria.

C. DA CUNHA BELLEM.

UM PEDIDO

Senhora, tenha cuidado,
Não escarneça a pobreza,
Que o pobre que é desprezado
Traz no peito concentrado
Ódio profundo á vileza.

Não escarneça quem chora,
Nunca sorria á fraqueza;
Despreze-me, muito embora,
Mas não mostre cá por fóra
Essa soberba, Duqueza!

Não mostre porque — Eu sei lá... —
Ha tantas bellezas mortas!
E a esmola que hoje me dá
Quem sabe se ainda irá
Pedir chorando p'las portas.

Risos de cobre Duqueza...
Não peço prata nem ouro.
Deixe um momento a avareza.
Dezreísmos com certeza.
Não lhe arrombam o thesouro.

Tenha cuidado, repito,
Que ao fundo do coração,
Tornado em frio granito,
Ha-de ainda ouvir-se um grito
De enorme revolução.

H. SEVERIM MORAES.

«O ACADEMICO»

O ACADEMICO encontra-se á venda em Lisboa, na Galeria Monaco, nas tabacarias Neves, no Rocio, e Marques, na rua do Ouro.

(A' Responde).

Abre de par em par o templo de teu seio,
Para que penitente eu n'elle possa orar!
Quero do meu passado, esse perdão que aneoio
Rabee-l'o de ti, junto aos degraus do altar;
Depois... depois enfim... p'ra o teu ter mais
seguro
Queria a communhão d'um beijo casto e puro!

Sete-rios 15-1-1903

JORGE DE CASTILHO.



Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho

E' um sabio, não porque nós lhe passemos o diploma, o referendamos, ou lh'o venhamos trazer a publico. mas porque nos paizes onde a sciencia é ainda um sacerdocio, assim o consideram, assim o proclamam, assim o temem e o reconhecem.

E, sem tempo para estalar, o nosso artigo destinado a acompanhar o retrato de eminente homem, ou tinha de ser uma copia servil do *Almanach do Exercito*, dizendo aos leitores de *O Academico* quando elle foi promovido a alferes, e tenente e... por ahí fóra até general de divisão do quadro auxiliar do exercito (não confundir com o do Real Instituto 19 de setembro, de saudosa memoria) ou então, umas pazadas de incenso no thuribulo das adulações, méra cerimonia para que o retrato não viesse desacompanhado.

E que outra coisa se pôde fazer, sendo-nos pedido este artigo segunda feira á noite, e dizendo-nos que era necessario... amanhã! E, se fosse o *amanhã* da lenda do que não fiava aos freguezes!... Mas qual historia! Amanhã 3.º feira, 3 de fevereiro de 1903, até ás duas horas da tarde!

Querem nada mais imperativo?

vemos entretanto já declarar, para todos os effeitos, que só nos prendem a Alfredo Schiappa muitas provas de deferencia e de amizade, e que, por isso, a insistencia em escrever não representa um acto de represalia.

Restava-nos pois escrever meia dúzia de linhas, sem a mais leve pretensão biographica, para cumprir o preceito jornalístico do retrato não ir só, não se lembrando os directores do annexim: que antes só do que mal acompanhada.

Realmente apertado nas pontas do trilemma, optámos pela ultima.

Se para se fazer um cesto se precisa de verga... e tempo, para escrever uma biographia, não é muito exigir assumpto... e tempo! O assumpto é vasto, mas o tempo diminuto. Nem nos chega para no labyrintho dos nossos livros, procurar as bellas monographias do illustre homem de sciencia, e, ao menos, indicar-lhe os titulos, dizendo de que tratavam.

Das summidades do nosso paiz é das raras com cotação no mundo culto e isso seria para elle gloria sobeja porque Alfredo Schiappa é, como todos os homens de verdadeiro valor, um

Liberdade de imprensa

Ha dias, n'uma sessão parlamentar o illustre deputado da opposição sr. Alpoim interpellou violentamente o sr. presidente do conselho sobre as illegaes e continuas arbitrariedades exercidas contra alguns jornaes de Lisboa.

Dias depois na camara dos pares o sr. Dantas Baracho põe novamente em flagrante evidencia o incorrecto procedimento de S. Ex.^a para com a imprensa, n'essa acerrima campanha de que é alvo o jornalismo, apprehendendo e supprimindo jornaes a seu bel-prazer e extendendo até a sua esphera d'acção absolutista sobre algumas publicações estrangeiras.

A estas accusações tão cheias de verdade e de tão frisante justiça respondeu o sr. ministro do reino que tinha ordenado taes actos porque embora o digno par os appellidasse de injustos e maus, a sua consciencia, porém, dizia-lhe que tinha sido apenas o fiel interprete da lei.

Mas que lei é esta pela qual o sr. ministro se rege e se fundamenta para commetter todos estes atropellos, e que pode autorisar tão revoltantes oppresões?

Qual é o direito que pode legalisar esses abusos taes como a suppressão do *Imparcial* e a apprehensão da *Parodia*, factos attentorios dos mais sagrados e inviolaveis direitos da liberdade e dos mais racionais e rudimentares principios de justiça?

O chefe do governo não pode escudar de forma alguma as suas escandalosas prepotencias com qualquer artigo da lei de imprensa em vigor.

O sr. ministro do reino apprehende os jornaes não por elles fazerem qualquer referencia que possa ferir a sua dignidade pessoal ou offender as leis do Estado, porque a imprensa não desce a essas baixezas e sabe guardar a devido respeito a todas as prescripções dos codigos nacionaes, mas sim porque alguns jornaes, secudindo o jugo de servilismo repugnante que amordaça a propaganda dos ideaes nobres e das convicções liberaes relstam apenas n'uma narração singela e sem commentarios, os factos vergonhosos da sua funesta administração, porque esses jornaes lhe não tecem artigos laudatorios nem lhe consagram torpes bajulações, finalmente porque esses jornaes apostolos fervorosos d'essa cruzada santa da Civilização e da Liberdade se não rojam a medigar-lhe favores nem lhe applaudem os actos de despotismo.

N'este honroso campo militam entre outros o *Mundo* e o *Imparcial*, campeões denodados da independencia publica e valiosos factores no nosso meio jornalístico.

D'ahi a causa das odiosas perseguições que contra elles tem exercido os poderes publicos.

E como estes varios outros jornaes tem soffrido esta oppressora tutela, e muitas vezes, se não todas, por noticiarem apenas os actos administrativos do desmoralisado gabinete ministerial, embora omitindo prudentemente apreciações desfavoraveis que podessem susceptibilisar alguém; mas é que taes actos são de tal gravidade e apresentam-se revestidos de tão ignominiosos descalabros que a simples revelação d'elles é sufficiente para a opinião publica poder ajuizar da corrompida orientação e da orgulhosa ineptia dos membros do actual governo.

Pode, porém o sr. ministro do reino continuar a exercer o seu regimen de absolutismo sobre a imprensa, pode s. ex.^a praticar impunemente todas as violencias e esmagar todos os privilegios que não obstante hade haver sempre quem preze mais os interesses do povo do que os devarios d'um ministro, e quem defenda sempre com sincera convicção a causa dos opprimidos embora para sustentar essa defeza tenha de lutar abertamente contra todas as torpezas dos sectarios ministeriaes.

A Imprensa, o luminoso e sacrosanto Evangelho da justiça e da instrução, o rutilante e gigantesco pha-

rol da liberdade intellectual, não póde nem deve, por principio nenhum, ser o juguete humilhante e inconsciente das ambições facciosas d'um ministro autocratico, nem obedecer jamais aos caprichos insensatos d'um despota governamental.

VICTOR MENDES.

Tuna da Escola Polytechnica

Diz a sabedoria das nações a verdade é como o azeite vem sempre ao de cima d'agua e nós na vida pratica nunca tivemos occasião de vêr tão bem confirmado aquelle dito popular como na assambléa geral da Tuna da Escola Polytechnica do dia 1 do corrente. Fora reunida aquella assambléa a pedido do presidente da direcção para se tratar d'um assumpto urgente. E na verdade nada mais serio e urgente para uma associação do que a perca da cabeça.

Aberta a sessão pelo sr. João Folque que era secretariado pelos srs. Aparicio Palma e Santos Junior, por aquelle senhor foi dita a razão porque reunira a assambléa. Pediu então a palavra o sr. presidente da Direcção que largamente expoz e fundamentou as razões porque se vira obrigado, por dignidade propria e dos seus collegas, a depôr os logares para que haviam sido eleitos, lendo o officio da Direcção do grupo dramatico que o obrigava a tomar aquella resolução.

Inscrevem-se depois do sr. Presidente fallar varios socios entre os quaes os srs. Raymundo, Ressano Garcia, Mello Abreu, Mello Vieira, João Bastos e Tamagnini Barbosa, que atacam a Direcção, excepto o sr. Tamagnini.

E, agora se pela situação especial n'esta folha de quasi toda aquella direcção que se demittiu não queremos que nos chamem parciaes, e por isso não commentamos o que lá se passou, não nos furtamos porém ao desejo de narrar o succedido n'aquella assambléa.

Fallou em primeiro logar o sr. Raymundo, rapaz sympathico e que fez opposição franca, mas leal. Respondeu-lhe o sr. presidente da Direcção que se viu *atrapalhado* para responder ao discurso proferido por aquelle socio que teve realmente uma *argumentação de ferro*.

Segue-se no uso da palavra o sr. Ressano Garcia que com toda a lealdade expoz os motivos porque havia assignado o officio enviado á Direcção da Tuna, terminando por se remir dos seus peccados; depois falla o sr. Mello Abreu seguindo-se respectivamente no uso da palavra os socios já indicados. A todos o sr. presidente responde com a maior serenidade, e tão bem, produzindo tal impressão na assambléa que esta acaba por lhe propôr um voto de louvor que foi approved. A Direcção do grupo dramatico por sua vez manifesta desejos de se compôr com a direcção e por fim toda a assambléa se dirige ao sr. presidente da Direcção para que desista do seu pedido de demissão. Pedem, instam e assim provaram bem uns que se achavam satisfeitos com a Direcção; e os outros — a Direcção do grupo dramatico que eram reus confessos.

Não tendo conseguido demover a Direcção do seu firme e honrado proposito, trataram de eleger quem a substituisse, sendo nomeados presidente o sr. Alves d'Azevedo; secretario o sr. Duarte Fraga, e thesoureiro o sr. Sequeira Junior. Para o conselho fiscal foram eleitos os srs. Santos Junior, Miguel dos Santos e Libanio Gomes. Para a assambléa foram eleitos os srs. João Folque, presidente, Jayme Paiva e João de Carvalho Bastos, secretarios. Para o conselho dramatico os mesmos que já estavam, e para a Direcção do grupo musical egualmente os srs. que já a compunham.

Depois de todo este trabalho que levou bem as suas quatro horas os socios foram sahindo em boa paz, e meditando haviam de encontrar no seu

espirito a prova do rifão com que começamos esta pequena resenha a verdade é como o azeite vem sempre ao de cima d'agua.

DR. MENDES LIMA

Poucas vezes temos assistido a uma manifestação tão sentida como a que os estudantes do lyceu fizeram ao seu chorado professor e nesse dedicado amigo Dr. Mendes Lima.

Raras vezes a academia terá feito manifestação mais justa e mais imponente.

Impressionava ver o deslizar d'aquelle cortejo, modesto, sim, mas grande pela intensão que representava, e enorme pela significação.

Poucas vezes terá sido um professor tão sentidamente chorado.

Ficaram depositados no jazigo do sr. Augusto José da Silva, na rua F. do cemiterio occidental, os restos mortaes do fallecido commendador rev. José Mendes Lima.

Na igreja das Mercês, na rua Formosa, e a expensas de Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, de que o finado era commissario, celebraram-se officios de corpo presente, officinando o rev. beneficiado Ezequiel Ferreira de Mattos, acolytado pelo rev. Ferreira da Motta e prior aposentado de S. João dos Montes, servindo de mestre de ceremonias o rev. conego José Vicente Costa.

As absolvições foram dadas pelos rev. Domingos Nogueira, ministro da ordem, prior dos Martyres, prior de S. Paulo, Soares e beneficiado Ezequiel.

Ao centro da igreja elevava-se uma eça, sobre a qual estava depositado o caixão coberto com um panno negro agalado a ouro, tendo aos cantos as insignas da ordem.

Em cima do caixão fora collocada 1 almofada forrada do negro, com o barrete, estolla e cordão que haviam pertencido ao extinto e que estavam cobertos de crepe.

Foram depostas quatro corôas; de rosa chá, forget-me-not e fitas pretas, «Saúdes dos irmãos e cunhados, 1 2 901»: violetas de Parma, «Ao seu chorado professor e amigo o sr. dr. José Mendes Lima, o 7.º anno do Lyceu»; A. J. Mendes Lima, 1-2 903, o de violetas e saúdes verde e preta. A tuna do Lyceu de Lisboa ao sr. J. M. Lima.

Depois de terminados os officios poz-se em marcha o prestito fanebre sendo o caixão collocado n'uma carreta.

A porta do templo, esperavam a sahida do feretro os alumnos do Lyceu com o seu estandarte, envolto em crepe, empunhado pelo alumno Motta Carvalho, e a tuna, regida pelo alumno Venceslau Pinto. A passagem do corpo, a tuna executou a marcha fanebre *Al merito*.

Abria o cortejo a carreta com o corpo, ladeada por 6 criados com brandões accesos; seguiam-se os alumnos do lyceu formando alas; a tuna, que durante o trajecto até ao cemiterio executou varias marchas fanebres; uma berlinda com o rev. João Manuel Roiz Lima, prior das Mercês e seu acolyto, por fim uma extensa fila de trens com os irmãos das ordens de S. Francisco da Cidade e do Carmo e muitos amigos do finado.

O cortejo seguiu pelas ruas do Loreto, S. Roque, D. Pedro V, Polytechnica, de Sol, Santo Ambrosio e Sarraiva de Carvalho.

Da porta do cemiterio á capella pegaram ás borlas o rev. Nogueira, Antonio José de Barros, Gustavo Marritty, Faeco Valentim, Baptista Vieira e Motta Fonseca, irmãos da ordem terceira de S. Francisco.

Terminadas as encommendações foi o corpo transportado da capella até á carreta, e esta conduzida até á porta do jazigo, pelos alumnos do lyceu formando-se os seguintes turnos:

1.º dr. Clemente Pinto, reitor do lyceu, e os professores dr. Arsenio de Mascarenhas, Araujo Lima, Nortway

do Valle, general Pedro Leite, dr. Manuel Grainha, 2.º Carvalhão Novaes, Alberto Vidal, dr. Lopes Grenate, Palhina e Eça, 3.º: Theodoro Carmona, Bettencourt, Callado Nunes, Pires Adelino, Marquos Durand e Porphyrio da Fenseca.

Junto do jazigo falaram, em nome dos alumnos do 7.º anno do lyceu, o alumno Herlander; dr. Clemente Pinto, reitor do lyceu; e o dr. Araujo Lima, em nome dos seus collegas professores do lyceu.

ASSOCIAÇÃO ACADEMICA

Reunião dos estudantes da Escola Polytechnica

Sexta feira passada pela uma hora da tarde reuniu, na sala dos exames de frequencia, a assambléa geral dos estudantes da Escola Polytechnica, para deliberarem sobre a resolução tomada na assambléa magna de toda a academia de cada Escola nomear dois delegados que se fossem aggregar áquella commissão.

Aberta a sessão o sr. Lino das Neves expoz o fim da reunião e pediu que assambléa nomeasse um estudante para presidir.

Foi escolhido o sr. Cyrillo Soares, um bello rapaz, nosso dedicado amigo e collaborador, mas que possuindo todas estas qualidades tem tambem o inconveniente de não ter pratica d'aquelle serviço e por consequencia dirigil-o mal d'onde resultou uma serie atropellos d'onde poderia provir que quem o senão conheces o podesse supôr pelo menos parcial. E para se estar bem n'aquelle logar deve se ser em todo o ponto imparcial.

Escolhido o presidente, este propoz que fossem nomeados secretarios os srs. José Bonito e Mello Abreu. E assim constituída a meza começou se a discussão.

Levanta-se, porem uma questão previa e aqui começou o sr. Presidente a provar-nos que não percebia nada do que tinha a fazer admittindo que se fallasse sobre uma questão previa sem ter consultado a assambléa se a admittia á discussão e depois acabou de nos convencer do desconhecimento que tinha do assumpto quando não submetteu essa questão á votação da assambléa.

Quando ha uma questão previa vota-se sempre primeiro do que aquella que lhe deu origem. Passemos, pois, por cima d'isto porque estamos certos de que o sr. Cyrillo Soares o não fez por mal e tem a desculpa de ter pouca pratica d'aquelle serviço.

Fallaram depois que nos lembre os srs. Mello Vieira, Severim de Moraes, Boaventura Aguiar e Lino das Neves que teve a infelicidade de empregar uma phrase, para nós tão extraordinaria que nos referimos a ella do nosso antigo editorial de hoje. Em todo o caso admiramo-lhe a força dos pulmões porquanto conseguiu fazer-se ouvir n'uma assambléa onde a gritaria era infernal.

Porque é preciso que se saiba que emquanto lá estivemos os berros foram em grande quantidade mas... no resto tudo nullo.

Por fim, começou-se a eleição dos dois delegados pedidos, eleição que nos dizem ter corrido socegradamente e que teve como resultado a nomeação dos srs. Severim de Moraes e Carlos Olavo, os quaes obtiveram vinte e tres votos cada um!

Lá vão pois os dois alumnos da Escola Polytechnica, a que não chamaremos delegados d'ella porque n'aquella assambléa não estavam nem metade dos alumnos que a frequentam visto a assambléa ter sido feita a horas em que estava funcionando aulas mas, em todo o caso lá vão os srs. Severim de Moraes e Olavo, e oxalá que possam levar a cabo a fundação d'essa associação tão util como necessaria e que se chamará — Associação Academica.

MODERNOS IDEAS

Ha evidente incongruencia entre o espirito da época, positivo e scientifico, e as formulas politicas pelas quaes se regem as sociedades contemporaneas, firmadas n'uma serie de convenções e mythos absurdos, que a ignorancia de longos seculos nos legou.

Já todos os phantasmas que o homem inventára para seu constante pesadelo, potencias sobrenaturaes e direitos sagrados, revestidos de formas extravagantes e pompósas, deram entrada nos museus de antiguidades, vindo alinhar-se com os fetiches e amuletos das mythologias rudimentares, como documentos d'um passado de illusões; agora, a luz brilhante da sciencia illumina o Universo, e a realidade sólida e impassível patenteia-se aos olhos humanos.

Mas a organização social, longe de acompanhar esta evolução, mantem-se alheia aos novos principios consolidados na experiencia.

D'este desacordo, e a indicarem uma transição que fatalmente se opéra, resultaram as modernas ideias sociaes, que efflorescem innumeraveis, pretendendo mais ou menos uma transformação da sociedade norteada pela sciencia. Desde o socialismo auctoritario de Max até ao socialismo libertario de Bakounine, todos os ideias que seduzem as multidões victimadas pelas desigualdades e as encaminham nas reivindicações disciplinadas das grèves, ou nos desvairamentos de attentados selvagens, se apresentam como doutrinas de caracter scientifico e capazes de conseguirem para a humanidade o que ella desde tempos remotos procura em vão: — a felicidade. Merecerão ellas o título que se arrogam? Caducou a theoria do livre arbitrio com o desenvolvimento tomado pela sociologia no ultimo quartel do seculo passado, e é principio assente que aos actos humanos, e portanto aos phenomenos sociaes, se applica o principio de causalidade, existindo entre esta espécie de manifestações phenomenaes relações constantes, susceptíveis de expressão rigorosa.

Se as leis sociológicas são ainda conhecimentos a adquirir, é isto explicavel pela complexidade dos factos a estudar, e não pela sua inexistencia, que, a dar-se, representaria uma excepção d'esta parte da nossa actividade vital a todos os principios naturaes, absurda em face dos conhecimentos actuaes.

Toda a organização social que não procure firmar-se no alicerce sólido de essas leis, será viciosa e perpetuará, ou aggravará mesmo, as injustiças e os soffrimentos de que actualmente padece a grande maioria dos homens. E' facil apontar defeitos e architectar theorias optimistas que fallem aos sentimentos da multidão desesperada, prometendo-lhes um futuro risonho, mas é mais difficil formular uma doutrina positiva capaz de nos conduzir á harmonia social.

Desde epochas remotas que os homens se desglauiam em prol das ideias, e o longo rastro de sangue que todas as religiões, todas as innovações politicas, deixaram após si os seus defensores fanatizados justificavam-no com a felici-

cidade que pretendiam espalhar pela terra. Qual foi essa felicidade. remolho nós hoje, os que temos o espirito sufficientemente desobstruido de prejuizos para poderemos ouvir o cõro das imprecações dos miseraveis, o maior numero dos nossos semelhantes.

Basta de desvairios. Já sabemos o que valem as doutrinas sentimentaes e a lógica fallivel dos pensadores.

Precisamos de conquistar a felicidade para a grande familia humana, mas essa conquista só pôde ser realisada com o auxilio dos instrumentos de investigação de toda a vordade: — observação e experiencia. Com elles, todos os esforços das gerações novas orientados no mesmo rumo, as formulas sociaes exactas hão de apparecer successivamente, como em todas as sciencias, até constituirem a Biblia incontestavel da Razão.

Serão muito engenhosas e entusiásticas as doutrinas d'um Max, d'um Bakounine, ou d'um Tolstoi; mas não são scientificas, pois que se contradizem e a sciencia é só uma. São o produto do trabalho intellectual sobre factos, é certo, da observação, mas esta é fallivel quando não fôr contraprovada pela experiencia, cousa de que nenhum dos innovadores se lembrou ainda de tentar.

Na observação não ha só os factos exteriores; ha tambem as circumstancias subjectivas, o temperamento, as convicções e o caracter do homem, que falseiam as conclusões.

Quão rudimentares seriam hoje ainda os nossos conhecimentos, se o methodo experimental não nos servisse de guia seguro no estudo das complexas manifestações da actividade cósmica.

J. F. SANT'ANNA.

THEATROS E CIRCOS

Gymnasio

No dia 7 realisa-se n'este theatro a festa artistica do distincto actor Joaquim d'Almeida com a 1.^a representação da peça allemã, traducção de Xavier Marques, *Cabeça de Burro*.

Noite de entusiasmo e alegria deve ser a do dia 7, pois que Joaquim d'Almeida conta numerosos amigos e admiradores que n'essa noite hão-de ir render o seu sincero preito de homenagem a uma das glorias da scena portugueza.

Principe Real

A revista *N'um sino*, primorosa de chiste e emoldurada n'um scenario esplendido continua na sua carreira de ruidosos triumphos, atraindo todas as noites muitos espectadores que ali vão admirar entre muitos attractivos da revista a graciosidade da illustre actriz Mercedes Blasco nos seus diversos papeis a que ella imprime já um cunho de espirituosa graça franceza, já a vivacidade e *salero* flamencos.

Colyseu dos Recreios

Estreou-se na noite de terça feira 3 a notavel *chanteuse* excentrica transformista Mademoiselle Lésonia, que agradou immenso pela extraordinaria e brilhante originalidade dos seus trabalhos.

noite os dois enlaçados, tendo nos labios beijos e na alma risos, architectavam um vasto futuro, sonhando mil venturas como se ambos se encontrassem longe, n'um paiz onde se riria sempre e onde a felicidade abraçasse as mulheres como ella, dando-lhes gratas sensações elevando-as ao cimo do gozo entre mil beijos, mil caricias nos braços do homem que as amasse e que fosse para ellas bom e justo.

Porisso, deixava-se embalar nos braços d'elle acoriançadamente; deixava-lhe que a pouco e pouco lhe fosse abrir a toca com aquellas labios que a adormeciam, e, puxara-o para si: queria sentir bem aquellas pulsações d'um coração que a desejava e quando no horizonte, vasto, por sobre a casaria rompiam os primeiros clarões da madrugada, ella apertando-o tendo na voz lagrimas e amor, deixava-se beijar, bal-

SARAU DA TUNA DA ESCOLA POLYTECHNICA

Deve ser brillantissima a festa que este anno esta tura realisa no theatro de D. Maria.

Dizem nos que será escolhida uma peça cheia de verve, propria para a rapaziada mostrar a extraordinaria *bolha*, a que são acompanhados.

A Tuna torará deliciosas musicas e pelo que já temos ouvido podemos affirmar que não se toca melhor.

Já começou a marcação dos logares e por isso não descuidem os que querem assistir áquelle espectáculo de festa.

Deve ser uma noite cheia.

A RIR

*Na sessão do dia trinta,
O nosso collega Lino,
Mostrou em estylo fino,
Que com elle se não brinca!*

*Pois em phrase alevantada,
Vermelho como um tomate
Disse tanto disparate,
Que ninguém percebeu nada...*

*Depois já muito escamado,
Contra a turba elle reage,
Declarando haver chantage
Dos seus collegas... Coitado!*

*Porem vou dar-lhe um conselho,
Que parte do coração,
Quando n'outra occasião,
Quizer metter o bedelho,*

*P'ra triste figura d'urso
Não estar sempre a fazer,
Pega a algem p'ra lhe escrever,
De improviso alyum discurso...*

DE MONOCULO.

DE NOITE

Que linda noite!

O luar envolve a natureza e em tudo que nos rodeia se sente o suave magnetismo que a luz do astro nocturno encerra.

Ao findar o dia cessou com elle a vida pullulante e ruidosa. O campo agora dorme e a sua vida manifesta-se apenas nos murmúrios brandos da natureza.

Quanta poesia ha n'estas noites de verão!

A alma humana, sentindo se tocada por tanta belleza, toma um a um os sonhos que a rodeiam, boiando livremente, e assim vae, sonhando, atravez do espaço em busca do ideal.

Além na estrada que pelo seu leito mais claro se define, atravessando o campo, caminha um vulto. Sigamo-lo.

Caminha lançando ao longe o olhar que ora se estende pelo ceu azul, ora pelo campo reverdejante e se fixa por fim na primeira casa que se divisa lá em cima, quasi á beira da estrada.

Certamente para ali se dirigiu o mancoço que de tão perto seguimos.

Na sua alma que o sonho, por certo

buceando:

— E' tão cedo ainda!... Vais-te?!... E ficava-se debruçada no peitoril, a vel-o afastar cheia de saudades, de tristes pensamentos...

Uma noite, porém elle não appareceu toda ella, levou-a a Emilia esperando-o, banhada pelo luar. Nada. No dia seguinte, quando appareceu a almoçar, não quiz comer. Tinha o rosto decorado de todo e os olhos pisados das lagrimas pareciam querer denunciar a lucta horrível que se passava n'aquelle cerebro de criança.

O pae extranhou-a, e, puxando-a para si, n'um doce movimento de amor beijou-lhe as fontes, indagando:

— Andas doente?.. O que tens, vá, conta ao teu velhinho...

E, como a resposta, fosse uma crise de lagrimas, n'um soluçar desesperado, abroçou-a mais com receio...

enche e agita o que se passará n'este momento?...

Oh! não queiramos ir tão longe! Profundar os segredos da alma de Jorge que ha tão pouco tempo conhecemos é tentar, talvez, o impossivel.

Observemo-lo, ouçamol o mesmo, se possivel fôr, e cada um de nós deduzirá então o que elle sente. No seu rosto parece transparecer a doçura do pensamento que o preoccupa; entreabre-lhe os labios de quando em quando, um sorriso e, caminhando sempre, raras vezes se distrae do seu embevecimento.

Agora, mais proximo já da casa que aponte, o seu olhar devora-se sobre ella n'um exame minucioso, como se alguma coisa procurasse cuidadosamente.

Cobre-se-lhe por fim o rosto de alegria e diz em voz baixa:

— Já lá está!

Deixa então a estrada e, tomando uma estreita passagem, em breve chega junto d'uma janella da campestre habitação.

— Boa noite, minha querida Beatriz — diz elle para a joven que o espera na janella — como estás?

— Bem, como sempre que te vejo junto de mim, querido Jorge.

Apertam-se as mãos, e, enquanto os dois jovens confiam um ao outro os seus segredos de amor, a noite continua mansamente bella.

Na quinta visinha ouve-se o ruido de uma cascata e lá em baixo na presa de agua coxam a espaços as rãs.

Entretanto os dois namorados conversaram, e ao ciciar das suas vozes amorosas une-se o brando murmurio da aragem, passando entre as folhas dos arvoredos proximos.

Deviamos agora, leitor, para sermos discretos deixar a sós os dois jovens, porém a curiosidade prende-nos aqui. Fiquemos pois!

— Tudo que nos rodeia, minha Beatriz é revestido de poeticos encantos — diz Jorge. A natureza parece dizer na sua linguagem desconhecida que tudo é bello e tudo encerra amor...

Não vês como o luar te diz seres linda, enquanto te beija o rosto de manso?... Não sentes o osculo que na fronte te depõe a tremula aragem?... Tudo te beija, Beatriz, só eu...

Não terminou. Cruzados os olhares em que o amor rebrilha meigamente, as mãos de ambos estremecem mais estreitamente unidas, enquanto os labios dos dois namorados trocam um puro beijo.

Em torno a natureza continua o seu hymno de amor já mais interrompido.

A. CYRILLO SOARES.

TUNA ACADEMICA DE LISBOA

Por falta de numero não reuniu hontem a assembleia geral d'esta tuna que fôra convocada para a apresentação de contas da direcção.

Deve reunir no proximo sabbado ás 7 1/2 horas da noite para o mesmo fim e d'esta vez funcionará com qualquer numero de socios.

— Então, então, Emilia?... Já não gostas do teu velhinho?...

E com uma paciencia evangelica, cuidadosamente levou-a para o quarto deitando-o no leito, onde ella, tremula, cada vez mais afflicta, continuava a soluçar, tendo negros pensamentos que a mortificavam no intimo num zelo d'aquelle homem que a fizera viver, que a fizera sentir...

E assim deitada, só o via a elle, que já a não amava; ideava memo uma outra que o roubára aos eus carinhos, aos seus beijos, por isso bem podia o pai, de mãos fincadas nos joelhos, junto do leito, soffrer com aquelle desalento «da sna Emilia» que ella não o ouviria dizer:

— Então já estás milhorszinha?...

(continua).

JOSÉ VALDEZ.

FOLHETIM D'O ACADEMICO

LAR EM RUINAS...

(CONTO)

Todas as noites, mal a mãe se deitava, a Emilia saia do quarto, envolta n'um chalo e abria a janella. O Carlos esperava-a cosido com a parede fronteira, e a aquella ininterrupta deificação do amor para Emilia continuava.

Estimava-o como doida, desejando que elle ali ficasse horas interminaveis ao pé d'ella d'ella, desafiando-lhe dôceamente todo um rosario de sentimentos de sonhos castos, quando elle, aguil e robusto, se elevava nas grades, saltando para o lagado da janella.

Então, aquella cabecita de madona, descancava n'um peito rijo e toda a

COSTA, FERRAZ & C.^{TA}

GRANDE casa de tecidos e confecções para senhoras

55, 57 — RUA DO CARMO — 59 E 61

SALÃO DE MODAS

Eugenia Augusta Montanha
73 A 77-R. DA ESCOLA POLYTECHNICA-73 A 77
LISBOA
Chapeus, vestidos e confecções

Fazem-se enxovaes para noivas, Artigos de retrozeiro. Modernizam-se chapeus em renda, veludo, palha e feltro. Frizam-se e tingem-se plumas. Vendem-se moldes. Tomam-se encomendas para qualquer ponto do paiz.

TABACARIA MARQUES

152 - Rua Aurea - 152
LISBOA

Grande sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros. Boquilhas e cachimbos d'ambar e espuma. Boquilhas hygienicas MARQUES. Figurinos, jornaes e illustrações portuguezas e estrangeiras.

CAFÉ

DA
Antiga Casa Costa
Rua da Escola Polytechnica — 95 a 99

O café d'esta casa, não precisa de reclames, visto que é bem conhecido do publico pela sua excellencia. O seu proprietario annuncia para commodidade dos seus freguezes e do publico, que manda aos domicilios e a quem requisitar por postal, quantidades não inferiores a 500 grammas.

Preço 640 a 720 rs.

NETTOYAGE Á SEC

Limpam-se, lavam-se e tingem-se fatos de todas as qualidades sem desmanchar e tiram-se nodos, especialista em limpar luvas a vapor. Concertam-se leques, bonecas, louças, vidros e diferentes bijuterias.

A. Henrique
101 - RUA DO OURO - 101
LISBOA

SYSTEMA BERLITZ

Inglês Alemão Francês

P repara-se também para o curso geral dos lyceus

Rua do Carmo, 35, 3.º

TABACARIA L'aurorE

DE
I. P. FERNANDES

84 - Rua da Escola Polytechnica - 84
(A S. MANEDE)

Tabacos nacionaes e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, e outros artigos, Toma-se encomenda de calçado de todas as qualidades, e garante-se o bom acabamento, e preços os mais modicos.

CASA DE EMPRESTIMOS SOBRE PE HORES

Devidamente auctorizada e segura nas principaes companhias

ROBERTO & OLIVEIRA

44 r/c — P. das Flores — 44 r/c
LISBOA

Empréstimos a juro convencional

Sobre objectos de ouro, prata, relógios, brilhantes e mais pedras preciosas, papeis de credito, pianos, mobilia, louça, roupas e quaesquer outros artigos que offereçam garantia de facil realisação, havendo magnificas accomodações para todos os objectos.

J. VILLAS BOAS MEDICO

Especialista em doenças de senhoras
Praça Luiz de Camões

ALFAYATERIA CONFIANÇA

101 - Rua dos Fanqueiros - 1.º

DIRIGIDA POR
A. CARDOSO

Ex-contramestre da CASA NUNES CORREIA

Participa aos seus amigos e conhecidos que se acha habilitado para os poder servir nas melhores condições, tanto em preços como em perfeição, para isso se acha montado este estabelecimento para poder executar toda a qualidade de obra, tanto para homem como para senhora e crianças, e com especialidade obra á militar, pois que ha pouco quem a execute.

GRANDE ALFAYATERIA DA POLYTECHNICA

Liquidação de fatos e casimiras da presente estação

FATOS quasi de graça

Fatos de 3\$000 réis até 30\$000 réis. Perfeito acabamento e forros á escolha do freguez. Todas as fazendas são molhadas. Fornecem-se amostras a quem as requisitar. Fatos para luto feitos em 10 horas. Fatos para os empregados da Companhia Real. Esta casa abre aos domingos.

Rua da Escola Polytechnica
65, 67, 69 e 71

O PROPRIETARIO

A. S. Fração.

PAPELARIA PALHARES

141 - RUA DO OURO - 145
LISBOA

Typographia e Lithographia a vapor. Papeis de phantasia e artigos de novidade para brindes. Deposito exclusivo do papel Rainha D. Amelia (papel da moda). Vendas por atacado e a retalho. Retratos a crayon. Letras de cobre e esmaltadas.

Fanqueiro, Retrozeiro e Modas

ALVARO COSTA & CARVALHO

Especialidade em camisaria e gravataria. Meias e espartilhos. Leques, passemanterias e rendas. Tecidos de novidade em seda, lã e algodão.

89 - R. da Escola Polytechnica - 91
LISBOA

A. ABREU

ANTIGA CASA VIUVA SOARES & FILHO

57 - RUA DO OURO - 59

Completas novidades em joelheria e ourivesaria

Afonso de Pinho
& Coelho da Silva

CASA DE NOVIDADES

145 a 249-R. DO OURO-145 a 149
LISBOA

Objectos para brindes, sempre as ultimas novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Vianna e Berlim. Marcas para cotillon e diversos artigos.

Luvania — Brinquedos — Chromos para boas festas — Coróas e flores.

Contra as escrophulas, rachitismo, tuberculose pulmonar, debilidade geral, etc.

Vinho de extracto de fígados de bacalhau, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Este producto não tem o menor cheiro ou sabor do oleo de fígados de bacalhau embora possua todas as propriedades d'este bello agente. E' preparado com excellente vinho do Porto. Toma-se aos calices na occasião da sobrezeza. Garrafa, 1\$000 réis.

Contra as tosses

Bronchites e outras doenças de peito

Remedio efficaz

Xarope de chlorhydro phosphato de cal com guaiacot, de Alberto Veiga, PHARMACEUTICO.

Frasco 800 réis

Molestias de pelle

As feridas, impigens, etc., curam-se depressa com a pomada de salicylato de chumbo composto, de A. Veiga, pharmaceutico. Caixa 120 réis, pelo correio, 130 réis.

Doenças secretas

As Capsulas d'essencia de sandalo citrino, de Alberto Veiga, pharmaceutico, curam rapidamente as blennorrhagias (purgações) e catarrho de bexiga. Frasco 500 réis. pelo correio 550. O seu uso é inoffensivo, e um só frasco é sufficiente muitas vezes para obter a cura. Depositos: Coimbra, pharmacia Rodrigues da Silva, Calçada, 28; Porto, pharmacia dr. Moreno, S. Domingos, 44; Lisboa, pharmacia Alberto Veiga, 42, rua dos Retrozeiros.

JOÃO CANONGIA

Joalheiro

Variado sortimento em objectos de ouro e prata e pedras preciosas.

277, Rua Aurea, 277 — LISBOA

COSTA RODRIGUES

Medico-Cirurgião

Tratamento das doenças de bocca, collocação de dentes pelos processos mais aperfeiçoados.

Praça Luiz de Camões — LISBOA